

Carta para Natália Romualdo: escrita acadêmica epistolar

Letter to Natalia Romualdo: academic writing in epistolary format

Carta a Natália Romualdo: escritura académica epistolar

Tatiana Maria de Moura¹

Resumo: O presente artigo busca refletir sobre a condução de pesquisas cuja centralidade consiste no estudo do antirracismo na internet. Para realizar essa reflexão, focar-se-á em performances de *youtubers* autodeclarados negras, negros e que assumem o compromisso de veicular conteúdos relacionados às pautas antirracistas em seus canais na plataforma YouTube. Para dar conta desta empreitada, este artigo utiliza-se de caminhos teórico-metodológicos que ousam contestar às construções hegemônicas da escrita acadêmica. Neste sentido, adotou-se a escrita epistolar como uma estratégia de ampliação da viabilidade de diálogo entre o *eu* pesquisadora e a relação com os interlocutores de uma mesma comunidade. A pesquisa busca captar as narrativas antirracistas a partir das vozes, performances de *Youtubers*, a saber: AD Júnior, Natali Nery, Papo de Preta e Spartakus Santiago. Mas nessa carta-artigo, elejo Natália Romualdo, como interlocutora direta, ela, mulher preta, jornalista, ativista antirracista e fundadora do Canal Papo de Preta juntamente com a sua parceira Maristela Rosa. Natália faleceu em 2022, infelizmente, não tive a oportunidade de lhe dizer o quanto foi e ainda é importante para o processo de elaboração e desenvolvimento da pesquisa. De modo a homenageá-la, proponho uma gira pela qual poderei dizê-la que foi a partir dos seus vídeos, do seu corpo, da sua voz, de seu posicionamento antirracista que pude me atentar para a potente atuação antirracista protagonizada por sujeitas negras e sujeitos negros na internet e fundamentalmente lhe apresentar os pressupostos teóricos que ajudam a pensar a pesquisa.

Palavras-chave: Escrita performativa; Epistemologias decoloniais; Antirracismo; Autorias pluriversais.

Abstract: This article seeks to reflect on the conduct of research whose centrality consists in the study of anti-racism on the internet. To carry out this reflection, it will focus on performances of youtubers who are both self-declared black and committed to serving content related to the anti-racist agenda on their channels, inside the YouTube platform. To tackle this task, this article uses theoretical and methodological paths that dare to challenge the hegemonic constructions of academic writing. In this sense, epistolary writing was adopted as a strategy to expand the viability of dialogue between the researcher self and the relationship with the interlocutors of the same community. The research seeks to capture anti-racist narratives by spotlighting the voices and performances of prominent Youtubers such as AD Júnior, Natali Nery, Papo de Preta, and Spartakus Santiago. However, this letter-article focuses primarily on Natália Romualdo. Natália, a black woman, journalist, anti-racist activist, and co-founder of Canal Papo de Preta alongside Maristela Rosa, is the central figure. Sadly, Natália passed away in 2022, depriving me of the opportunity to express the significance of her influence on shaping and advancing this research. To honor her memory, I propose reflecting on how her videos, presence, voice, and anti-racist advocacy have played a pivotal role in raising awareness of impactful anti-racist initiatives led by black individuals on the internet. These insights are fundamental to the theoretical frameworks essential for this research endeavor.

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Catalão (UFCAT); Doutoranda em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: tatiana_moura@discente.ufg.br

Keywords: Performative writing; Decolonial epistemologies; Anti-racism; Pluriversal authorships.

Resumen: Este artículo busca reflexionar sobre la realización de investigaciones cuya centralidad consiste en el estudio del antirracismo en internet. Para llevar a cabo esta reflexión, se centrará en las actuaciones de youtubers que se autodeclaran negras, negros y que apuestan por difundir contenidos relacionados con la agenda antirracista en sus canales, dentro de la plataforma Youtube. Para abordar esta tarea, este artículo utiliza caminos teóricos y metodológicos que se atreven a desafiar las construcciones hegemónicas de la escritura académica. En ese sentido, se adoptó la escritura epistolar como estrategia para ampliar la viabilidad del diálogo entre el yo investigador y la relación con los interlocutores de la misma comunidad. La investigación tiene como objetivo capturar narrativas antirracistas destacando las voces y actuaciones de Youtubers prominentes como AD Júnior, Natali Nery, Papo de Preta y Spartakus Santiago. Sin embargo, este artículo de carta se centra principalmente en Natália Romualdo. Natália, una mujer negra, periodista, activista antirracista y cofundadora de Canal Papo de Preta junto a Maristela Rosa, es la figura central. Lamentablemente, Natália falleció en 2022, privándome de la oportunidad de expresar la importancia de su influencia en la formación y avance de esta investigación. Para honrar su memoria, propongo reflexionar sobre cómo sus videos, presencia, voz y defensa antirracista jugaron un papel crucial en la sensibilización sobre iniciativas antirracistas impactantes lideradas por individuos negros en Internet. Estos conocimientos son fundamentales para los marcos teóricos esenciales para este emprendimiento de investigación.

Palabras-chave: Escrita performativa; Epistemologías decoloniales; Antirracismo; Autorías pluriversales.

Introdução

Goiânia, agosto 2023

Natália Romualdo,

Apresento o presente artigo em formato de carta para homenagear a sua existência, a sua força e a luta contra o racismo. Tenho muito para te dizer, mas antes quero me apresentar brevemente: sou professora e pesquisadora das relações étnico-raciais e nos últimos anos muitas inquietações consistentemente desorganizam e harmonizam os meus pensamentos. Tais inquietações decorrem do anseio em nutrir-me de epistemologias decoloniais, já que estas questionam a universalização do conhecimento e trazem em seu bojo, a constatação de que existem formas outras de se fazer pesquisa.

Acredito que a produção do conhecimento seja um ato coletivo e de transformação. Quando nos aventuramos a esta tarefa precisamos entender qual o nosso lugar, nossa perspectiva e propósito enquanto pesquisadora. Com isso quero dizer que seria impossível engajar coletivamente na construção do conhecimento por meio de uma escrita que nos reduz a uma terceira pessoa que escreve e comunica o conhecimento produzido a sujeitos indeterminados.

Nessa perspectiva, pensar e fazer uma pesquisa ancorada numa perspectiva decolonial nos leva à caminhos nos quais não estamos acostumadas a trilhar. Estes caminhos perpassam

pelo reconhecimento de que a pesquisadora deve se fazer presente na pesquisa, de que é preciso aclamar as sujeitas, os sujeitos que contribuem para esta, seja como interlocutoras, teóricas ou artistas.

Por isso, Natália, o artigo em forma de carta consiste num formato de comunicação e partilha de conhecimento, no qual possibilita ressaltar as vivências das pesquisadoras e pesquisadores. Ou seja, nos permite reavivar o sensível, as subjetividades tanto de quem escreve quanto de quem lê. Com efeito, a carta-artigo nos ajuda a entender que não somos sujeitos neutros, desse modo precisamos de um conhecimento vivo, que nos afeta.

Trata-se de uma escrita acadêmica, na qual o corpo se faz presente e nos sensibiliza para uma racionalidade que contempla as vivências e as experiências das pesquisadoras e pesquisadores que ousam se rebelar contra as formas tradicionais de comunicação de pesquisa. Portanto, é uma escrita libertadora, pulsante e viva que se traduz pela busca de chaves interpretativas engajadas, comprometidas com a transformação dos sujeitos e de uma sociedade que usa as diferenças para justificar as desigualdades, como aponta Luciana de Fátima Roxa Pereira de Lyra (2020).

A escrita acadêmica em formato de carta também se estende a escrita de dissertações e teses. A pesquisadora e professora Renata de Lima Silva (Kabilaewatala), por exemplo, vinculada ao programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, Universidade Federal de Goiás organizou o livro intitulado “Livro-epistolar: cartas para ontem sobre o amanhã” com cartas-artigos produzidos por discentes da disciplina por ela ministrada denominada “Produção coletiva do conhecimento II” publicado no ano 2022.

A proposta do livro desafia as autoras e autores a revisitar suas trajetórias acadêmicas e refletirem sobre elas. As produções são fascinantes porque nos faz perceber que existe uma gama de possibilidades em relação à produção acadêmica. Isto é, podemos apresentar as nossas pesquisas de forma criativa e transformadora sem perder de vista o rigor científico.

Claro, que esta não é uma tarefa fácil, Natália, no entanto quando nos aventuramos realizar uma pesquisa, não podemos perder de vista que somos diversas, logo, não faz sentido reduzir toda a pluralidade existente em um único modelo de escrita acadêmica.

Entretanto, é preciso dizer que, pensar em escritas performativas como possibilidades para divulgar ao mundo acadêmico e a sociedade o processo de uma dada pesquisa - desde a definição do tema, problema, métodos e resultados - não significa invalidar os modelos de escritas acadêmicas vigentes, mas nos abrir para outras maneiras de concretizar o fazer científico.

As cartas-artigos que compõem o livro em questão nos permitem entrar em contato não apenas com as pesquisas, mas com quem as produziu em sua totalidade. Como nos diz bell hooks (2013) é preciso superar as estruturas de conhecimentos responsáveis por objetificar o sujeito da pesquisa e desse modo, aceitarmos o desafio em produzir teorias que falam diretamente com as nossas experiências. Nesse sentido, a narrativa das autoras e autores sobre suas trajetórias acadêmicas chegam as leitoras e leitores de modo que estas possam acessar a humanidade de quem escreve – sonhos, dores e superações – e, enfim compartilhar de suas experiências.

Também quero lhe apresentar outra produção acadêmica escrita em formato de carta: a dissertação “Performance negra de Victória Santa Cruz e suas reverberações na construção da escrevivência e feminismos Negros”, autoria de Rafaela Francisco de Jesus defendida em 2020 no Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, sob a orientação de Renata de Lima Silva (Kabilaewatala).

A autora por meio de uma escrita performativa coloca a performance negra de Vitória Santa Cruz numa posição solar - a posição da artista peruana - cuja trajetória, contribuição artística e intelectual irradiam, iluminam as performances negras em territórios afro-referenciados.

A trajetória de Vitória Santa Cruz é apresentada e problematizada de modo que ajuda a pensar a pluralização das epistemologias, o racismo, as resistências ao racismo por meio das performances negras no Brasil e os feminismos negros. Nesse sentido, Jesus (2020) nos apresenta cartas pelas quais estabelece um diálogo com mulheres importantes para a sua trajetória pessoal e acadêmica acerca da performance negra de Victória Santa Cruz.

Ao longo das 11 cartas que compõem a obra, Jesus (2020) mostra como legado de Victória Santa Cruz reverbera em nossas práticas e pensamentos. Nessa perspectiva, as destinatárias, dentre elas: mãe Nega, a avó da autora, Daniela Almeida, Djamila Ribeiro, Susan Santos, Renata de Lima Silva (Kabilaewatala), Janja Araújo, Conceição Evaristo e todas leitoras são convidadas a se afetarem pelo ritmo interior de Victória e Santa Cruz e principalmente a se reconhecerem como sujeitas.

Como se vê, Natália, é uma pesquisa fecundada pela experiência da autora, pesquisadora e artista cuja trajetória foi marcada pelo racismo e resistência a este sistema de opressão. Portanto, colocar em foco a performance negra de Victoria significa romper com discursos hegemônicos construídos e reproduzidos a fim de invisibilizar as epistemologias negras nas Américas.

Devo destacar também, que a escrita epistolar foi objeto de estudo da dissertação “Escrita acadêmica insurgente: uma análise do gênero Carta-artigo”, autoria de Gilmar Machado Souza (2021). Nessa pesquisa, a autora traz uma importante análise acerca dos deslocamentos do gênero artigo científico a partir da carta-artigo “Uma missiva a seu Ditinho, craque do São Geraldo”, escrita por Allan da Rosa, publicada na revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as (ABPN) em 2018.

Ao analisar a organização retórico-estilística do texto de Allan da Rosa (2018), a autora fundamenta-se nas epistemologias decoloniais, enquanto movimentos de enfrentamentos as ideologias coloniais responsáveis por subjugar, os conhecimentos, os saberes não eurocentrais. Nesse sentido, segundo Souza (2021, p.170), o texto de Rosa (2018) contrapõe-se ao engessamento da produção acadêmica, a neutralidade e objetividade, uma vez que o “[...] estilo epistolar e informal da carta subverte o estilo formal/padrão do artigo científico”, pois trata-se de uma escrita localizada e identitária, pela qual o autor adota uma linguagem personalizada, subjetiva, marcada pela informalidade e afetividade.

A escrita acadêmica em formato epistolar é performativa porque valoriza as vivências, pluraliza autorias, de modo que a validação do conhecimento não se dá apenas por teóricos elevados a posição de cânones. É nesse compasso, que lhe escrevo Natalia, para lhe falar sobre a sua importância para minha pesquisa de doutoramento, intitulada “Performance de *Youtubers* Negros para o antirracismo na internet”.

Horizontalidade, coparticipação e coautoria

Sei que estou do lado de cá do portal, mas isso não me impede de lhe dizer o quanto é importante para mim. Eu te conheci em 2015, pouco tempo depois do lançamento do canal Papo de Preta², idealizado por você e por sua parceira e amiga Maristela Rosa.

No dia 10 de dezembro de 2022, escrevi uma carta endereçada a você e a Maristela para falar sobre a potência de suas vozes em fazer circular narrativas pretas na internet. Nesta carta eu lhe conto como você e Maristela Rosa fazem parte do meu processo de tornar-me sujeita, tornar-me pesquisadora das relações étnico-raciais. Pois, acompanhar o trabalho de vocês me despertou para pensar as formas de resistências na internet, como as sujeitas apropriam se das

² Papo de Preta é um canal idealizado por Natália Romualdo e Maristela Rosa. Foi criado em 2015 e conta com 702 vídeos distribuídos em quatorze listas de reprodução, possui 181 mil inscritos na plataforma *YouTube*.

brechas para construir narrativas que contrapõem, rasuram as narrativas hegemônicas sobre o que é ser negra e negro.

Natália, quando terminei a carta, a sensação foi a de lhe dar um abraço afetuoso. Sabe aqueles abraços que nos fazem sentir seguras, confortáveis? Foi assim que me senti. Esta sensação de acolhimento e aconchego sempre esteve presente entre nós. Apesar de não nos conhecermos face a face, acompanhar os vídeos, as *lives*, as interações por meio dos comentários sobre os vídeos postados no canal, me fizeram sentir próxima e ter a certeza de que não estou sozinha nessa luta histórica contra o racismo.

A nossa conexão me faz lembrar do livro “Cartas a uma Negra” de Ega Françoise (2021). A autora, escreve a Carolina Maria de Jesus, escritora brasileira, cuja obra consiste num *locus* de enunciação – pela qual, se ouve os ecos das vozes subalternizadas que falam por si, que se posicionam, tanto do ponto de vista político, quanto epistemológico.

Acredito que Egas, por ser uma mulher negra, imigrante na França se identificou com a trajetória da escritora brasileira, principalmente pelo fato de serem escritoras negras em sociedades estruturadas pelo racismo. Portanto, a proximidade entre elas, permite que Egas se veja em Carolina, mesmo sem ter se conhecido pessoalmente. Assim como Carolina foi inspiração para Egas Françoise, a sua existência, Natália, é encorajamento, pois escrever para ti significa escrever a mim.

Pouco depois da escrita da carta fiquei sabendo de sua partida, não acreditei. Com muita tristeza pus-me a questionar: por que uma jovem com tanta força e luminosidade se foi tão cedo? Esta é uma das formas pelas quais aprendemos a lidar com a morte, isto é, pela gramática da finitude.

Demorou um pouco, Natália, mas estou em contato com cosmopercepções que estão me ajudando a ressignificar a sua passagem. Recentemente assistir um vídeo em que a educadora, sacerdotisa e ativista Makota Valdina dizia “A filosofia Banto nos ensina que nós somos como sol, todo ser humano nasce a cada dia e se expande como o sol, cai no horizonte para tornar a renascer” ou seja a morte não é finitude e sim transformação.

Segundo Leda Maria Martins (2021) na cosmologia Banto, a ancestralidade e a existência do ser são sagradas. Nessa cosmologia, Natalia, Kalunga é uma divindade que carrega um *saché*, um pacote que é o cosmo. Assim, tudo que há no cosmo, seja a natureza, os *Muntus* (humanos) refletem a imagem de Kalunga. Portanto, a sacralidade que emana de cada *Muntu* e de tudo que habita o cosmo é uma força que garante o bem viver.

Natália, você é uma *Muntu* que ajudou a acender o meu sol. Nessa caminhada pude reconhecer a importância da minha pesquisa de doutoramento que, aliás, você e Maristela são

interlocutoras. Pois, as pesquisas realizadas a partir de epistemologias decoloniais “[...] vêm sendo feitas em coparticipação e, muitas vezes, em coautoria com os nossos interlocutores” (HARTMANN; LANGDON, 2020, p. 03).

Apesar de sua partida, você continua sendo uma das interlocutoras desta pesquisa, já que o conteúdo produzido e hospedado em seu canal Papo de Preta são ecos contra o racismo. Reitero que todo engajamento para o antirracismo protagonizado por você e Maristela Rosa foi fundamental para a construção da minha pesquisa. Portanto, não poderia conduzir este processo se não pela via da horizontalidade

Caminhos epistemológicos: resistências como foco de estudo

A pesquisa em curso³ tem como aporte teórico as performances culturais, responsável por articular campos teóricos multidisciplinares que “[...] rompem a estéril dicotomia entre oralidade e as escrituras, nos fornecendo instrumentais metodológicos instigantes para investigação das práticas performáticas” (MARTINS, 2022, p.37-38).

Para Diana Taylor (2013) Performances Culturais é também uma lente metodológica capaz de reconhecer e valorizar os conhecimentos incorporados por meio de rituais, danças e cantos. A partir do projeto colonialista nas Américas, a escrita serviu como instrumento de poder por parte do colonizador. Desse modo, as formas de conhecimentos presentes nas práticas corporais dos povos colonizados são historicamente invalidadas.

Você sabe bem do que estou falando, não é? De um projeto de epistemicídio, incessantemente recomposto para sentenciar africanos, afro diaspóricos e indígenas como povos não pensantes. Apesar da dicotomia entre a escrita e a oralidade, as práticas performáticas destes povos se reinscrevem e reterritorializam por meio das oralituras, que para Martins constitui-se em um temo cujo propósito consiste em:

[...] aludir a alguns modos e meios pelos quais, no âmbito das práticas performáticas, o gesto e a voz modulam no corpo a grafia dos saberes de vária ordem e de naturezas as mais diversas, incluindo - se aí um saber filosófico em particular uma concepção alterna do tempo, de suas reverberações e de suas impressões e grafias em nosso modo de ser, de proceder, de atuar, de fabular, de pensar e de desejar, enfim. [...] oralitura designa complexa textura das performances orais e corporais (MARTINS, 2021, p.41).

A inferiorização dos saberes circulantes pelas oralituras instituiu a alteridade, a construção do outro exótico, estranhado, não pensante, infantilizado e não civilizado. Na

³ A pesquisa intitulada “Performances de *Youtubers* negros/as para o antirracismo na internet” tem como proposta pensar o antirracismo a partir das vozes e performances de *Youtubers* negras e negras.

contraposição desta política de apagamento, a Rainha Leda Maria Martins⁴ enfatiza que estes saberes florescem e reflorescem pelas resistências. Nesse sentido, é preciso abraçar uma escrita cujo propósito não seja a subjugação do outro.

Sabe por que precisamos desta escrita, Natália? Porque uma das estratégias do colonialismo consistiu em “ensinar colonizadas/os a falar e escrever a partir da perspectiva do colonizador”. Assim nos disse Grada Kilomba (2021, p.65).

Nessa lógica, nos impuseram uma forma de pensamento eurocêntrico, dito como hegemônico e universal, invisibilizando por assim dizer, as epistemologias africanas e indígenas. Por isso, é vital que tenhamos consciência da letalidade intrínseca às práticas epistemicidas e desse modo, fortalecer as epistemologias pluriversais.

O real sentido em me posicionar a favor de epistemologias pluriversais passa pelo reconhecimento dos diferentes *locus* de construção do conhecimento, seja pelas oralituras, pelos movimentos sociais ou pelos meios de comunicação digitais. Então, enfatizar os ecos de sua voz, uma voz que fala por si, uma voz que perturba o silêncio acerca do racismo, significa reconhecer de fato, os conhecimentos que circulam pelas margens.

A partir da perspectiva de bell hooks, Grada Kilomba (2021) afirma que o ao reconhecermos as múltiplas potencialidades produzidas pelas margens, nos abrimos para entender a complexidade e a multiplicidade inerente aos movimentos pelos quais frutificam conhecimentos - já que a “margem é tanto um local de repressão quanto um local de resistência” (KILOMBA, 2021, p. 68).

Outro autor que corrobora com esta perspectiva, Natália, é Stuart Hall (2017). Sei que você vai rir. Mas, Hall é para mim, a Beyoncé do mundo acadêmico, porque a sua perspectiva teórica tem como enfoque o desvelamento dos regimes de opressões. Isso me impacta, assim como as performances de Beyoncé. Falando em Beyoncé, sua “Diva”, acredita que o *Grammy Awards* de 2023 teve a coragem de não reconhecer o álbum *Renaissance* como melhor álbum de 2022? Indignadas, porém não surpresas, não é?

Em todas as dimensões, os grupos de poder buscam sufocar nossas vozes, simplesmente porque possuem o controle das estruturas. Isso também ocorre na academia, pois a produção intelectual de grupos subalternizados, principalmente de mulheres negras são historicamente invisibilizadas, mas esta é uma questão que falarei contigo mais adiante (KILOMBA, 2021).

⁴ Leda Maria Martins é rainha de Nossa Senhora das Mercês da Irmandade Nossa Senhora do Rosário no Jatobá, Belo Horizonte-MG.

Voltando a Hall (2017) o pertencimento coletivo como raça, etnia e nação são construídos a partir de uma prática discursiva, desse modo, todos os discursos possuem lacunas, contradições que expressam a possibilidade de ruptura com os regimes de dominação fundamentados no critério racial.

A partir de Grada Kilomba (2021) digo que os sistemas de opressões não permanecem intactos. Se nos dizem que somos inferiores e incivilizados, erguemos nossas vozes, sem medo e entoamos em coro:

[...] Foda-se a imagem que vocês criaram
Não sou legível, não sou entendível
[...] Só eu posso fazer minha arte
Só eu posso me descrever
Vocês não têm esse direito
Não sou obrigado a ser o que vocês esperam
Somos muito mais [...] (BLUES, 2018).

Como Baco Exu do Blues nos negamos aos rótulos e projeções que nos desumanizam. É a partir daí que pessoas inferiorizadas pelo racismo resistem, se organizam para desarticular o processo de racialização, calcado no colonialismo, mas que persiste como organizador da estrutura social ainda nos dias de hoje.

Frantz Fanon (2008) nos ajuda a entender que a modernidade capitalista, colonialista e ocidental fomentou um conjunto de signos que fixam, definem o que é ser negro. Portanto, definir o outro como negro significou historicamente o esvaziamento de sua humanidade, impedindo o de vivenciar, experimentar as contradições intrínsecas a humanidade, já que suas escolhas restringem apenas a uma existência fixa, pré-determinada pelo colonialismo.

Romper com as estereótipias que nos desumanizam é um desejo que pulsa em mim, em ti, em Baco Exu do Blues, também em Fanon (2008) e Hall (2017). Para estes autores, Natália, é preciso romper com as representações do que é ser negra e negro confinadas no essencialismo e na incompletude. Como contraponto, perspectivam alternativas que visam a descolonização da imaginação e dão voz aos oprimidos.

Nesse feixe luminoso, Natalia, tomar consciência dessa realidade é movimentar-se contra o monopólio dos discursos colonizadores, seguindo pelas brechas, pela margem, “local

que nutre nossa capacidade em resistir à opressão, em transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos” (KILOMBA, 2021).

Nesse viés, defendo que é necessário identificar e interpretar as manifestações de resistência construídas no ambiente digital. Sei que a internet não é um espaço igualitário, pois reflete as desigualdades estruturantes presentes no *off-line*. As diferenciações de classe, raça e gênero persistem neste ambiente como dispositivos que inviabilizam o acesso e a projeção de sujeitos que carregam em seus corpos os marcadores dessas diferenças.

O racismo consiste num fenômeno inerente, indissociável ao capitalismo em suas diferentes roupagens, opera no sentido de ampliar as desigualdades, consequentemente a acumulação de riquezas. Implica diretamente na exclusão de sujeitos negros/as ao acesso aos recursos e a direitos fundamentais.

Resistir nestas condições é exaustivo, não é? Eu bem sei o quanto você se dedicou junto a Maristela para manter o projeto de vocês no *YouTube*. Essa luta continua com a Maristela, ela segue engajada nos provocando sobre o racismo cotidiano, capilarizado em nossa cultura. Recentemente Maristela Rosa (2023) publicou um vídeo em que ela diz:

Quem, afinal de contas, tem o direito de se exaltar sem ser taxado de uma “pessoa agressiva” ou de uma “pessoa ruim e maldosa”? Falando de *Big Brother Brasil* de novo: Bruna Griphao durante a trajetória dela no *Big Brother* se sentiu no direito de taxar algumas vezes pessoas e os corações delas. Então, o Alface (Ricardo), a Domitila e Fred Nicácio são pessoas na visão dela, pessoas de coração ruim, pessoas maldosas. Enquanto ela grita, enquanto ela xinga os outros, o que acontece com ela é um momento de fragilidade. Os outros que reagem e respondem são ruins, eles são maldosos. A Tina, por muito menos, foi taxada pelo público como uma pessoa extremamente grossa, pelo público e pelas pessoas lá dentro também. Então, me responde você aí que tá me vendo agora, que tá me ouvindo? Quem tem direito de gritar e xingar e ainda dizer que tudo isso é fragilidade? E quem define o que é maldade? (ROSA, 2023)⁵.

A vigésima terceira edição *Big Brother Brasil* é a edição com maior número de participantes negros/as da histórica, como você sabe as edições anteriores foram marcadas pela ausência destes corpos. A ausência de pessoas negras em espaços midiáticos é uma política cujo propósito consiste na “continuidade do ideal de branqueamento por difundir a ideia de que a

⁵ Domitila, Fred Nicácio, Alface (Ricardo) e Tina são pessoas socialmente lidas como negras, Bruna Griphao, lida socialmente como pessoa branca - todas e todos são participantes da vigésima terceira edição do programa *Big Brother Brasil* - Grupo Globo.

sociedade brasileira é majoritariamente branca e por operar com estereótipos que reforçam a crença na inferioridade do negro” (MOURA, 2017, p. 120).

As provocações de Maristela revelam a operacionalidade do racismo cotidiano que para Kilomba:

[...] refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, ações e olhares que colocam o *sujeito negro* e as Pessoas de Cor não só como “Outra/o” – a diferença contra a qual o *sujeito branco* é medido - mas como Outridade, isto é, como a personificação de aspectos reprimidos na sociedade *branca*. Toda vez que sou colocada como “outra - seja a “outra” indesejada, a “outra” intrusa, a “outra” perigosa, a “outra” violenta, a “outra” passional, seja a “outra” suja, a “outra” excitada, a “outra” exótica - (KILOMBA, 2021, p. 78, grifos da autora).

Há, nesse sentido, uma moralidade branca, construída como ideal, responsável por projetar em pessoas negras tudo aquilo que pessoas brancas repudiam e acreditam macular suas imagens de pessoas bondosas, repletas de intelectualidade e beleza.

É fato, Natália, o questionamento desse arranjo repleto de privilégios não é algo que a branquitude anseia. Nesse sentido, representantes de grupos não subalternizados se empenham em regular e controlar o que pode ser dito pelas subalternas e subalternos.

Lembra que lhe prometi falar sobre o silenciamento de autoras negras? A histórica configuração do poder impossibilita que mulheres negras acessem os mecanismos necessários para fazer circular, bem como garantir que suas vozes sejam ouvidas e legitimadas. Pois, “[...] Qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não construir ciência credível” (KILOMBA, 2021, p.53).

Os grupos racializados não são responsáveis pela existência do racismo. Essa afirmação parece ser simplista, mas traz à superfície a estrutura pela qual os grupos beneficiários do racismo não tenha interesse em ouvir o que temos a dizer. Nessa lógica, o conhecimento produzido e transmitido por grupos subalternizados é submetido a guetização - para ser lido, visto e direcionado a um grupo específico - enquanto o conhecimento produzido e difundido por grupos não subalternizados é promovido como universal e paradigmático.

Retomo a primeira frase do parágrafo anterior, para endossar que as sujeitas que se engajam na luta contra o racismo são em sua maioria as próprias vítimas desse sistema. Nas plataformas digitais na internet, por exemplo, os perfis e canais que abordam questões para as relações étnico-raciais são administrados por pessoas autodeclaradas negras e infelizmente não possuem um largo alcance em termos de seguidores e inscritos.

Como se vê, Natália, nos diferentes meios de circulação de conhecimento, as barreiras se fazem presentes e dessa forma, se torna mais difícil em fomentar conhecimentos pluriversais em detrimento de epistemologias responsáveis por reforçar a hierarquização das diferenças sejam elas fenotípicas ou culturais.

Apesar do silenciamento de nossas vozes em todos os espaços sociais, isso não significa dizer que estas vozes não existam. Por isso, é importante ressaltar as formas pelas quais construímos espaços de diálogo que nos fortalecem para lutar contra as violências impostas pelo racismo e fundamentalmente ajudam a enaltecer a nossa humanidade. Portanto, é neste compasso que esta pesquisa consistentemente busca mapear os processos de resistências construídos por atores negros/as em canais plataformas digital *YouTube*.

Cheguei comentar com você e a Maristela em uma *live* do canal “Papo de Preta” que sou professora de Sociologia e indico o conteúdo do canal para os/as estudantes com quem trabalho e para colegas de trabalho. Com isso, quero dizer que mesmo diante da difícil tarefa em implementar os ecos de vozes negras fora dos nossos grupos, não podemos perder de vista que estas vozes preenchem as lacunas, as ausências que o racismo cravou em nós, mulheres pretas.

Certo dia, uma professora negra que também é minha amiga me disse “aprendo tanto com o canal das meninas, elas indicaram autoras incríveis.” Deixarei o registro do vídeo “Escritoras negras que vocês precisam ler” para que você se lembre:

Três autoras negras que vocês precisam conhecer: a primeira delas eu nunca poderia deixar de colocar nesta lista, a bell hooks, escreveu obras incríveis entre elas está o livro “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”. A bell, infelizmente nos deixou recentemente e eu super recomendo que se você não conhece esse livro, procure que vale muito a pena! A segunda é Carolina Maria de Jesus, brasileira que escreveu a obra “Quarto de despejo”, que foi traduzida para inúmeros países. Se você não conhece também procura que é uma maravilha, essa obra dela! A terceira e última é a autora Chimamanda Adichie que já escreveu livros incríveis (ROMUALDO, 2022).

Com efeito, implementar a nossa voz fora dos nossos grupos realmente é difícil, mas precisamos reconhecer o quanto é importante nutrirmos de narrativas pelas quais nos sentimos contempladas, acolhidas, capazes de descolonizar a ordem eurocêntrica. É como nos encoraja bell hooks (2013) temos que descolonizar nossas mentes e construir comunidades de conhecimento.

Considerações Finais

Ah, Natalia! Como aprendi e aprendo com você. Sou muito grata por partilhar conhecimento. Falar contigo sobre minhas percepções e posicionamento de pesquisadora das relações étnico-raciais é uma maneira de te celebrar.

Ainda tenho muito para caminhar, mas posso dizer que as encruzilhadas pelas quais me deparei nestes dois anos de pesquisa me ajudaram a entender o quão é importante olhar para os processos de resistências voltados para desarticulação de narrativas que sustentam o racismo na plataforma YouTube.

Ao estudar o antirracismo na internet, tomando como foco as performances de *Youtubers*, autodeclaradas, negras e negros - quando estes assumem o compromisso em produzir e veicular conteúdos vinculados às pautas antirracistas em seus canais na plataforma *YouTube* - observa-se que por meio de vídeos, *lives* e interações com suas audiências constroem neste espaço digital territórios de saberes que alicerçam a humanidade de pessoas subalternizadas pelo processo de colonização.

As performances dos interlocutores desta pesquisa em seus canais no YouTube passam pelo ato de comunicar, entreter, educar o público que os acompanham por meio de debates consistentes acerca das relações étnico-raciais. Pela confluência destas vozes é possível teorizar e refletir sobre a historicidade e importância do movimento negro no Brasil, sobre o colorismo, a solidão da mulher negra, racismo estrutural, representatividade dentre outros debates fundamentais para consolidar uma forma de ser e pensar antirracista.

Pensar em formas outras de fazer pesquisa, significa nos atentar às resistências, à superação das amarras do colonialismo com vistas a alcançar um novo humanismo e outras formas de produção do conhecimento. É nessa perspectiva que espero conduzir este trabalho. Sei que vou conseguir porque não estou só, pois conto com a sua luminosidade e de todas e todos que estão comigo nesta jornada.

Muito obrigada, Axé!

Referências

- BLUES, Baco Exu. *BB King*. Disponível em <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/bb-king/>. Acesso em març. 2023.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Editora Edufba, 2008.
- FRANÇOISE, EGA. *Cartas a uma negra*. Tradução Vinicius Carneiro, Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 2021.
- HALL, Stuart. *The Fateful Triangle: Race, Ethnicity and Nation*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 2017. (The Du Bois Lectures Proferidas por HALL, em 1994, na Universidade de Harvard, editadas por Kobena Mercer em 2017).

- HARTMANN, Luciana; LANGDON, Esther Jean. *Tem um corpo nessa alma: encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil*. BIB. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, v. 91, p. 1-31, 2020.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- JESUS, Rafaela Francisco. *A performance negra de Victoria Santa Cruz e suas reverberações na construção de escriturências e feminismos negros*. 2020. 166 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó, 2021.
- LYRA, Luciana de Fátima Roxa P. *Escrita acadêmica performática... Escrita F(r)iccional: Pureza e perigo*. Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 38, p. 1-13, 2020. DOI: 10.5965/14145731023820200033. Disponível em <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/17759>. Acesso em 5 ago. 2023.
- LUPTON, Deborah. *Sociologia digital: para além do digital, rumo ao sociológico*. Prelúdios, Salvador, v. 8, n. 8 p. 137-145, jul./dez. 2019.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- MOURA, Tatiana Maria. *Racismo na contemporaneidade: uma análise do racismo nas redes sociais*. 2017.191 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017.
- PAZ, Tatiana Santos da. *Ativismo em rede e processos formativos decoloniais articulados por mulheres negras no YouTube*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2019.
- ROSA, Maristela. *Quem tem direito de se exaltar e não ser vista como uma pessoa "agressiva" e "maldosa?"*. In: Papo de Preta. 2023. Disponível em <https://www.instagram.com/reel/Cpu1N0Jtdl2/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em març 2023.
- ROMUALDO, Natália. *Escritoras negras que vocês precisam ler*. In: Canal Papo de Preta. 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qNz2w5JLFz8>. Acesso em març. 2023.
- SILVA, Renata de Lima (org). *Livro-epistolar: cartas para ontem sobre o amanhã* [Ebook]. Dados eletrônicos (1 arquivo: PDF). Goiânia: Cegraf UFG, 2022.
- SOUZA, Gilmara Machado. *Escrita acadêmica insurgente: uma análise do gênero "carta-artigo"*. 2021. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária de Anápolis, Anápolis, GO, Brasil.
- TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Tradução Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

Submetido em 05/08/2023

Aceito em 30/03/2023